
RECIFE DE ANTIGAMENTE: UMA COLEÇÃO COLETIVA CONTEMPORÂNEA

Paula Wivian Quirino Dos Santos
Discente de Mestrado em Ciência da Informação – PPGCI - UFPE
santos.santos.paula@gmail.com

João Pedro Silva de Albuquerque
Discente de Mestrado em Ciência da Informação – PPGCI-UFPE
joao.pedro1221@gmail.com

Májory Karoline Fernandes de Oliveira Miranda
Doutora em Informação/Comunicação
Docente do PPGCI - UFPE.
majory@gmail.com

Resumo

Discute-se o colecionismo como forma de custodiar a memória coletiva social. Pretende-se entender o fenômeno colaborativo de colecionar no contexto contemporâneo e verificar a contribuição coletiva na formação de coleções de fotografias patrimoniais da cidade do Recife na página “Recife de Antigamente” na rede social Facebook. A metodologia utilizada baseia-se em uma revisão de literatura para que se obtivesse a fundamentação teórica necessária. Quanto à abordagem da pesquisa se deu de forma quali-quantitativa, já que está sendo utilizado como instrumento de coleta de dados específico, onde os dados são quantificados e posteriormente submetidos a uma análise crítica qualitativa. Considera-se que a página “Recife de Antigamente” oportuniza a colaboratividade entre as coleções fotográficas digitais, e também, sustenta o valor da memória do passado pelo viés do contemporâneo por meio de atos e de veículo de informação, comunicação e entretenimento.

Palavras - chave: Coleção. Colecionismo. Fotografia. Memória. Redes sociais.

1 INTRODUÇÃO

Com o efeito do tempo, o ser humano revela uma tendência de preservação da memória construída ao longo da existência. Seja pelos primeiros seres humanos que deixavam imagens nas paredes de suas cavernas, que de forma inconsciente deixaram um registro do cotidiano vivenciado, seja na atualidade, por meio da nostalgia por tempos anteriores. Sempre procuramos formas e atividade em garantir que o conhecimento vivido e produzido não se perdesse facilmente em meio ao dilúvio de informações nos quais experimentamos, reproduzimos e recriamos.

A preservação e a representação da memória se fazem presentes em nossas vidas como maneiras de garantir que, de alguma forma, o que fizemos e/ou o que fomos possam ser lembrados por gerações futuras.

Na ação do colecionismo vislumbra-se o intuito de dificultar a efemeridade do tempo, a dissolução das lembranças, memórias afetivas dos indivíduos e de seus grupos em um dado momento da vida. Dessa forma busca-se abordar a memória como elemento fundamental a ser relacionado no contexto do colecionismo, já que baseia-se na perpetuação e na contribuição para a sociedade em sua coletividade.

A partir da intenção e da ação de preservar e representar a memória surge à atividade de juntar e guardar objetos, a qual posteriormente, e como resultado da atividade cria-se à coleção. Pomian (1984) define uma coleção como qualquer conjunto de objetos naturais ou artificiais conservados, protegidos e mantidos temporariamente ou definitivamente longe das atividades econômicas podendo ser exposto ao público.

Essa definição tem um ponto de vista bastante delimitada e visa atender os critérios dos museus, bibliotecas, arquivos e das coleções particulares, uma vez que exclui todas as acumulações de objetos formadas aleatoriamente e momentaneamente, e também aqueles objetos que não estão expostos para serem vistos. Este último critério deve ser revisto já que diversas coleções particulares são mantidas longe de exposições e não visam ter notoriedade.

Pearce (1994) propõe outro ponto de vista sobre a relação do mundo de objetos e das pessoas, onde os objetos adentram o interior da coleção, e despertam nas pessoas coisas diferentes em seus corações e mentes. E admite que definir a definição de coleção ainda é um caso árido, já que mesmo a melhor definição ainda deixará aberta uma variedade de objeções negativas. Assim, a autora utiliza a definição de Duroust (1932, p.10) para obter uma perspectiva sobre o assunto, dessa forma:

Uma coleção é basicamente determinada pela natureza do valor atribuído aos objetos, ou idéias possuídas. Se o valor predominante de um objeto ou idéia para a pessoa que o possui é intrínseco, ou seja, se for avaliado principalmente para uso ou propósito, ou qualidade esteticamente agradável, ou outro valor inerente ao objeto ou acumulado por qualquer circunstância de costume, treinamento ou hábito, não é uma coleção. Se o valor predominante for representativo ou representacional, isto é, se o referido objeto ou idéia é valorizado principalmente pela relação que tem com algum outro objeto ou idéia, ou objetos, ou idéias, como ser uma de uma série, parte de um todo, uma espécime de uma classe, então é objeto de uma coleção.

A definição dada por Duroust (1994) é propícia e sustenta a distinção entre objetos mantidos para uso remetendo a ideia de útil e objetos mantidos como parte de uma sequência: passando a ideia de série e classe a qual dar a noção da coleção.

Já o ato de colecionar possui natureza e motivo essencial que se sobrepõe a natureza do objeto, do passatempo e da ambição material. Para Pomian (1984), os indivíduos estão propensos a acumular, a colecionar algo. As peças de coleção são fonte de prazer estético que permitem proporcionar conhecimentos históricos ou científicos,

entretanto, possuir peças de coleção confere prestígio intelectual, riqueza, gosto e até generosidade. Esta afirmação parte da percepção e observação que envolve o contexto construído entre o ambiente sociocultural constitutivo, o colecionador, o objeto colecionável e sua memória.

De acordo com Pomian (1984), as coleções são objetos semióforos, objetos que não possuem utilidade e por isso não são precisados, não são manipulados nem usados, porém são objetos dotados de significado e são expostos ao olhar. É curioso que Duroust (1932) possui uma visão semelhante à Pomian (1984) quanto à coleção de objetos e seu uso.

Torna-se óbvio discordar da afirmação dos autores acima citados, pois os objetos de coleções no século XXI são os mais diversos e os mais variados não dependendo necessariamente de uma sequência ou série, mas permitem serem manipulados e utilizados pelos seus colecionadores, como exemplo: as coleções de Vinis, CDs, DVDs, HQs, jogos de vídeo games e livros. Todos esses objetos possuem uma utilidade e propõem um uso, e por sua vez são artigos colecionáveis.

Para Marshall (2005) o colecionismo se destaca por sua dimensão ordenadora e por seus fundamentos culturais. Devido à ação de coletar e de colecionar durante toda a trajetória humana foi possível organizar sons, sinais, e se ordenar no mundo culturalizado por intermédio das comunidades, sociedades e comunicação complexa, dessa maneira pôde-se dar prosseguimento para rumo a um futuro.

A proposta de colecionismo no século XXI surge com o propósito de promover não apenas o resgate e a preservação da memória, mas também, o acesso e dessa vez, por meio da rede digital via online. O intuito dessa atividade é ampliar e dispor as coleções em meio ao acesso à rede digital, com representação descritiva, memória patrimonial e recuperação.

O colecionismo em rede digital é um tema em maturação, o qual possibilita abordar diversas variantes de estudo com amplitude que almejam desde a interação entre os indivíduos e suas humanidades digitais e a custódia do objeto com a memória social.

Nesse sentido, foi realizada no artigo uma discussão sobre memória, colecionismo e redes sociais sobre a vertente pós-custodialista, juntamente com a análise da página “Recife de Antigamente” da rede

social online Facebook, com o intuito de abordar a relação paradigmática do novo modo de colecionar em rede social online.

2 A MEMÓRIA NA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

O fascínio pela memória tem uma grande representatividade na Grécia Antiga, local que conduziu os indivíduos ao aprofundamento da memória oral, pois segundo a mitologia a deusa Mnemosine, protetora das artes e da história, permitia que os anciões e poetas passassem a memória adiante por meio da expressão da fala, sobre o estado no qual “toda memorização da tradição poetizada depende da recitação constante e reiterada.” (SMOLKA, 2000, p.169).

Entretanto, ter a oralidade como mecanismo de representação da memória nos apresenta a dependência e a fragilidade em algo efêmero, o qual é lembrado apenas no instante do pronunciamento em que é dito. Assim, nasce a problemática do esquecimento, dada a efemeridade da memória oral, uma vez que sua transmissão ocorre apenas em tempo real e não possui um suporte em que ela permaneça registrada para que as pessoas possam consultá-la posteriormente.

Contudo, com o advento e a popularização da escrita, a transmissão da informação e, conseqüentemente, da memória passou de forma oral para forma escrita, o que, de acordo com Le Coadic (1994), foi o passo crucial para a explosão informacional, pelo fato de que começou a ser permitido à humanidade “exteriorizar primeiro, nas bibliotecas, uma das funções do cérebro humano, que é a memória” (Le Coadic, 1994, p.6).

Com a memória agora externalizada na forma escrita, começou a se preocupar com a questão de como preservá-la para que ela possa ser recuperada. Na história recente, o Memex idealizado por Vannevar Bush com a função de preservação e organização da memória, a qual poderia ser recuperada facilmente, e isto remete a uma das principais questões da Ciência da Informação.

De acordo com Monteiro, Carelli, e Pickler (2006), nas áreas da Ciência da Informação (CI) o termo memória foi associado ao conjunto das informações que podem ser registradas, ou seja, que podem ser

consultados por meio de um formato. Desta forma, a CI se vale da memória no sentido de armazenagem e preservação dos saberes coletivos, para uma posterior recordação por parte da sociedade. Deste modo, os termos armazenagem e preservação podem direcionar a correlações a outros termos mais usuais à memória na CI, como: guarda, salvaguarda, conservação e registro.

3 O COLECIONISMO

Podemos enxergar a memória pela perspectiva de atestar que o conhecimento e a informação produzida não sejam perdidos deixando este trabalho aos cuidados da CI, já que esta é a ciência que assume a responsabilidade em custodiar para preservação, acesso ao conhecimento e a informação e sua retroalimentação.

Le Goff (2003) declara que a memória tem a propriedade de conservar certas informações, dado que ela procura salvar o passado para servir ao presente e o futuro. Pinheiro (2002, p.8) relata que a CI gesta “a necessidade social, histórica, cultural e política do registro e transmissão dos conhecimentos e informações, produto do processo de desenvolvimento da Ciência e Tecnologia”.

O termo informação, segundo Buckland (1991), possui três definições da palavra às quais determinam o uso do termo que pretende utilizar. Conforme o autor as definições das palavras são: informação como processo, informação como conhecimento e informação como coisa. Neste artigo preferiu-se utilizar a última definição - informação como coisa para compreender a relação entre a sustentabilidade da memória e o colecionismo.

De acordo com o autor, Buckland (1991), para se considerar algo como informação é necessário entender as necessidades subjetivas do indivíduo e o significado de informação como coisa. A informação como coisa expõe dois sentidos: o primeiro ocorre quando o objeto modifica o indivíduo e o segundo acontece quando o termo informação é citado para nomear um conjunto de objetos.

Segundo Santos (2015), o conceito firmado por Buckland (1991) trata de um elemento circunstancial, pois permite a compreensão a respeito da informação como coisa, cujos estudos possibilitam relações com

os suportes de informação e estudos interdisciplinares que correspondem à teoria de Buckland (1991).

Nesse estudo, a informação como coisa expressa no primeiro sentido ocorre à ação de colecionar, pois o objeto provoca algo que induz o indivíduo a iniciar uma coleção. O segundo envolve o contexto que determina e caracteriza a coleção como ela é no todo, ou seja, um conjunto de objetos.

Para dar sentido de permanência na vida cotidiana, os indivíduos passaram a expressar-se e a manifestar-se sua existência por intermédio de objetos e os expõem em ambientes. Essa atividade passou a relacionar-se a sentimentos que regularmente proporcionavam bem-estar não só físico, mas espiritual.

Dessa maneira, podemos conjecturar que o processo de colecionismo teve seu início com o passar dos tempos onde os colecionadores passaram a resgatar, discriminar, ordenar e classificar os objetos, tornando-os eventualmente objetos de valor patrimonial, ato que se repetia naturalmente no cotidiano. Ao considerar sobre a ótica da memória, esta atividade se configurou como o primeiro exemplo consciente de uma formação de coleção, conforme os parâmetros que temos atualmente.

Nesse sentido, podemos fundamentar de acordo com Lopes (2010), o qual admite que a prática de colecionar induza os indivíduos a civilizar. No sentido de formação ao passo que sustenta um movimento, do individual para o social e vice-versa sobre um ordenamento de interações racional e coletiva. Assim, se torna possível compreender que colecionar objetos permite e traz a sensação de permanência para o ser humano quanto o faz ingressar na civilização.

Segundo Baeta (2010), o colecionismo através da prática cultural, a qual ele reage, surge no Brasil em meados do século XIX sendo característica íntima de uma sociedade burguesa com pretensão em se destacar.

A partir da afirmação de Baeta (2010), podemos observar que o colecionismo não era visto como instrumentos de compreensão da história da sociedade e tão pouco, uma prova material e patrimonial de uma realidade documentada.

Ao definir três dimensões para se entender o colecionismo, Pearce (1994) elaborou instrumentos que possibilitaram a

compreensão do colecionismo e seu estudo sobre a cultura material e do objeto que contribuíram para a concepção sobre o desejo dos colecionadores aliado a economia capitalista e do consumo.

Os parâmetros são colecionar como prática, poética e como política. O colecionismo como prática aborda a prática social, como maneira de continuidade social e projeção para o futuro, a poética expõe a individualidade e a vida pessoal de cada colecionador, considerando o relato de Baeta (2010) “o ato colecionar afetar a vida do colecionador [...] e o hábito de colecionar interage com a vida social”.

E por fim o colecionismo como política, o qual retoma os dois parâmetros anteriores sobre o colecionismo como prática e poética, em que apresenta os motivos e como estão sujeitos a diferentes avaliações e importância para o colecionador e para a sociedade, os objetos colecionados.

Segundo Liston (2010), percebe-se que o colecionismo encontra-se fracionado sobre o aspecto da memória que visa contemplar o caráter essencial e espiritual perpassando o campo da prática individual e a coletividade social e à perspectiva material onde encontramos o objeto real - material e seu valor concreto.

De acordo com Murguia (2007) a história das coleções em sentido tradicional aponta a preocupação dos colecionadores em recolher e guardar objetos que representem e preservem o registro do conhecimento. Mas os colecionadores vêm colecionando itens, tanto bibliográficos quanto iconográficos como forma de registro e referência da preservação do conhecimento. O que amplia o objeto de coleção e o desejo, todavia, são geralmente guardados e armazenados em lugares especiais.

As coleções podem apresentar-se de diferentes tipos e conforme a intenção do colecionador. Como exemplo disso, temos: a coleção iconográfica, a qual possui a intenção de chamar a atenção para seus atributos físicos de imagem e destaca-se por seu uso, consumo, relação social e afetiva.

Assim, segundo Farro (2011, p.95)

[...] la atención en los atributos físicos de las imágenes integrando al análisis la dimensión material. De ese modo han recuperado los contextos de producción, intercambio y

consumo de las colecciones de imágenes destacando sus usos sociales a partir de considerarlas como objetos que circulan por redes de intercambio ligadas a las prácticas de colección, archivo y exhibición (Farro, 2011 *apud* Edwards, 2001, Edwards y Hart 2004).

Por meio da citação acima é possível entender que há importantes concepções sobre a coleção iconográfica e/ou de fotografias, as quais se aplicam ao colecionismo de fotografias.

A fotografia por ser um objeto semióforo conforme Pomian (1984) corresponde aos objetos sem utilidade, mas que representam o invisível e são atribuídos de significado. Por isso, a fotografia pode ser considerada objeto de prazer estético e promove o registro tanto privado quanto público de momentos históricos e/ou científicos.

De acordo com Ferraz (2014) o colecionismo de fotografia teve seu início em Paris nos anos de 1860 com o *carte-de-visite* e do *carte-cabinet* – que eram fotografias feitas sobre um cartão com formatos 10,5 x 6,5 cm e 16 x 10,5 cm, formato que colaborou para o desenvolvimento da atividade fotográfica, com cópia e para a atividade do colecionismo da mesma.

Ferraz (2014) expõe que o colecionismo fotográfico no Brasil teve seu início com o Imperador D. Pedro II, o que propiciou o mesmo ter sido o primeiro colecionador de fotografia do Brasil e, possivelmente, o pioneiro das Américas. Existem relatos de que a Família Imperial Brasileira foi a maior incentivadora da atividade fotográfica e a maior colecionadora de fotografias no século XIX.

Isso os tornou referência para as famílias da elite no período oitocentista. A fotografia nesse período assina seu marco como uma maneira de auto representação da elite e tornou-se um objeto de registro e privilégio de representação da sociedade. Portanto, o colecionismo fotográfico representa a novas fontes e novos olhares sobre o passado contribuindo para a construção da memória local ou nacional e seus usos sociais e coletivos.

Posto ao uso social e coletivo das coleções de fotografias percebeu-se que há algum tempo tem-se exposto às coleções de fotografias em meio à rede social *online*, onde

vários usuários podem postar suas coleções e acervos sobre a cidade do Recife e outras localidades do estado em épocas de outrora, notadamente, essas fotografias tem chamado atenção devido à temporalidade, à ação de resgate memorial e a afetividade nostálgica relacionada entre os membros da rede social.

4 CONTEXTO CONTEMPORÂNEO DE INFORMAÇÃO

As redes sociais on-line são espaços onde grandes volumes de informação são produzidos e constantemente atualizados, desta forma se torna uma tarefa difícil recuperar as informações que foram criadas por seus usuários, o que leva a problemática do esquecimento.

Surge assim, no século XX um desafio para os cientistas da informação no que tange à preservação da memória, o que é atraindo a principal questão: como preservar e recuperar a memória que está sendo produzida e disponibilizada no ambiente de rede social online, já que “a internet está abrindo espaço para novas relações e valores entre as pessoas, disponibilizando um fluxo de informações em diversos níveis, assim como potencializando o acesso a outros mundos, por meio do ciberespaço” (LAZZARINE; NETTO; SOUZA, 2015, p.24).

A partir disto percebe-se a vivência de um novo paradigma, considerando a ideia que paradigma segundo Silva (2017), convém ser um modo de pensar, de formular princípios que regem teorias e práticas de cunho científico de tempo em tempo.

Dessa forma o paradigma pós-custodial, possui sua natureza interdisciplinar e tende a filosofia do fenômeno info-comunicacional, a qual é perceptível e entendível através das propriedades inerentes à gênese do fluxo, organização e comportamento informacionais (origem, coleta, organização, armazenamento, recuperação, interpretação, transmissão, transformação e utilização da informação).

Para Dodebei (2016) por meio dos metadados garante-se o acesso às informações que os objetos portam, a disseminação das informações propicia a preservação de um dado conhecimento possibilitando o uso e garantindo assim, a sua lembrança.

Dessa forma, entende-se que o paradigma pós-custodial se pauta por valorizar o fenômeno humano social e dinâmico

(MIRANDA, 2010), o qual tem sido representado pelas humanidades digitais, uma vez que ele se apresenta como um local de interação entre indivíduos que gera uma enorme quantidade de informações em um curto intervalo de tempo. Segundo Domian (2015) o termo humanidades digitais diz respeito a um campo interdisciplinar, o qual está relacionado às reflexões e práticas adotadas pelas mudanças decorrentes da introdução as tecnologias digitais nos universos da cultura e das unidades de Informação.

A internet possibilitou uma nova visão de web, pessoas comuns deixaram seu papel de apenas consumidores da informação para se tornarem também produtores. Logo, para Monteiro (2007) a internet é um espaço onde se realizam não somente trocas simbólicas, mas transações econômicas, comerciais, novas práticas comunicacionais, relações sociais, afetivos e, sobretudo novos agenciamentos cognitivos. É um universo virtual, plástico, fluido, carregado de devires.

Com as redes sociais o contexto da informação passou a ser midiático, colaborativo e inclusivo permitindo a interação social por meio do compartilhamento e da criação colaborativa de páginas de conteúdo e informação nos mais diversos formatos. “Qualquer pessoa pode produzir conteúdo (texto, fotos, áudio...) praticamente sem custo.” (ALVES, 2011, p.98), e “o conteúdo é criado pela sua audiência, por meio da participação e compartilhamento do conteúdo gerado pelos usuários em forma de rede” (DALMORO et al, 2010, p.2).

No universo das mídias sociais as redes sociais online veem ganhando cada vez mais destaque, uma vez que são “sistemas que permitem a interação entre pessoas, o compartilhamento de informações e a formação de grupos – as chamadas Redes Sociais Online (RSO) – deixaram de ser uma tendência e se estabeleceram de maneira irreversível” (SANTANA et al, 2013, p. 340), ou seja, as redes sociais virtuais permitem que pessoas, muitas vezes que não se conhecem formem grupos em um ambiente virtual a partir de algo em comum, e daí começam a criar conteúdo e compartilhá-lo.

5 ANÁLISE DA PÁGINA “RECIFE DE ANTIGAMENTE”

A escolha da análise da página foi devida ao grande volume de postagens de fotos antigas que estavam sobre a posse e/ ou custódia das mais diversas pessoas que vivem ou viveram na cidade, e que tiveram o zelo de guardar a foto ou de preservar por nostalgia ou por um dado momento no futuro (o que acabou ocorrendo com o surgimento da página).

A Recife de Antigamente¹ nada mais é que uma página presente na rede social Facebook, conforme a descrição da própria página: A “página é dedicada aos amantes do Recife, que gostam de fotos antigas e costumes de antigamente”.

Porém, esta é uma descrição simplista do que realmente a página representa, uma vez que ela comporta uma coleção de fotos sobre a memória do Recife, principalmente em formato audiovisual. O conteúdo presente na Recife de Antigamente é postado pelos próprios administradores da página, contudo a fonte do conteúdo vem dos próprios seguidores dela. Os seguidores postam o conteúdo e os administradores que gerenciam a página, publicam as fotos com os devidos créditos ao colaborador.

Nesse sentido temos a construção de uma coleção, a qual surge pelo interesse da coletividade em tentar manter a memória social-coletiva-patrimonial a partir de uma página. Segundo Nora (1993, p.3) “a memória é a vida, sempre atual, um elo vivo no eterno presente”.

A rede social, a criação da página e o acesso às fotos postadas são contribuições para formação de coleções como ação da atividade humana digital. O que parece é que as humanidades digitais contribuem positivamente para a subsistência do colecionismo em meio digital.

É interessante destacar que a temática restringe-se apenas a cidade do Recife e não tem um período histórico determinado. É possível encontrar na página postagens que vão desde o início do século XX até o começo dos anos 2000. Outro aspecto dos conteúdos é que eles remetem a variados assuntos como o crescimento urbano do Recife, cotidiano, vestuários, transportes, esportes e momentos históricos como o aprisionamento e interrogatório de prisioneiros alemães no Recife em 1942.

¹ Disponível em: www.facebook.com/recantigoo

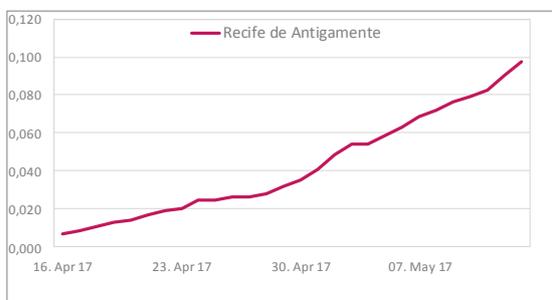
Por ser uma página aberta no Facebook, qualquer usuário dessa rede pode acessar o seu conteúdo e interagir com ele através de reações (novo recurso disponibilizado para demonstrar que tipo de sentimento o usuário teve sobre uma postagem), curtidas, compartilhamentos e comentários, o que permite uma relação mais íntima da memória presente na Recife de Antigamente e as pessoas que a estão acessando.

Destarte, temos a Recife de Antigamente como um ambiente de memória on-line onde diversos usuários do Facebook compartilham seus registros sobre os períodos passados da cidade do Recife, o que nos traz uma perspectiva de uma memória que é construída de forma colaborativa e compartilhada, onde cada um pode trazer suas impressões sobre o que foi o que é e o que talvez venha a ser o Recife.

A partir disto, foi realizada a análise da página, utilizando a versão gratuita da ferramenta de análise de mídias sociais FanpageKarma² com o intuito de verificar o formato de postagens e interações de uma página voltada para o compartilhamento da memória no Facebook. Devido a algumas limitações da versão gratuita da FanpageKarma o período escolhido para a análise foi o compreendido entre os dias 16/04/2017 a 13/05/2017.

Até o ultimo dia compreendido pela análise realizada a Recife de Antigamente apresenta 126.360 de pessoas que curtiram a página e de acordo com o Gráfico 1 trazido pela FanpageKarma uma curva de crescimento de interação nas suas postagens.

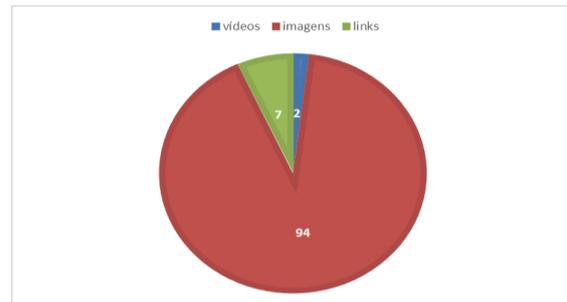
Gráfico 1 – Crescimento de interação dos usuários com as postagens



Fonte: dados da pesquisa

O primeiro ponto da análise foi qual o formato de conteúdo é mais utilizado na página, conforme o Gráfico 2 foram realizadas 103 postagens durante o período da análise, o que dá uma média de 3.7 postagens por dia. Foi verificada uma forte presença de imagens, porém também são postados alguns links que direcionam para sites que trazem textos sobre o passado do Recife e em menor número vídeos.

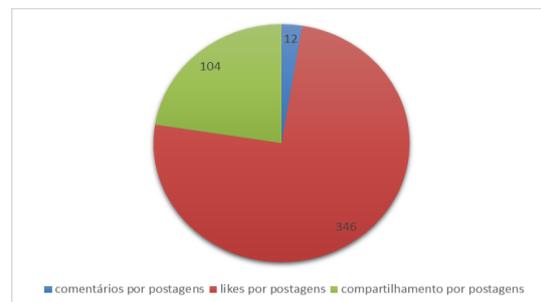
Gráfico 2 – Formatos de postagens



Fonte: dados da pesquisa

Ainda em relação ao conteúdo disponibilizado na página, foi verificada a interação dos usuários com o conteúdo, com o intuito de confirmar se a página realmente desperta interesse nas pessoas e se estas interagem com a página. Assim. Como mostrado no Gráfico 3, foram trazidos os quantitativos de comentários por postagens, likes por postagens e compartilhamentos das postagens das publicações que, segundo Vanti e Sanz Casado (2016), funcionam como medidas de repercussão social de conteúdos presentes em mídias sociais.

Gráfico 3 – Tipos de interações



Fonte: dados da pesquisa

² Disponível em: <http://www.fanpagekarma.com/>

A repercussão social é importante, pois através dela o conteúdo pode ser visualizado por pessoas que estão fora da rede principal da página, ou seja, pessoas que não são seguidoras da página. Pois, uma vez que se um seguidor da página, curtir, comentar ou compartilhar uma postagem da Recife de Antigamente, uma pessoa da rede desse seguidor que não curte a página vai poder ver essa postagem.

Por fim, foi verificado a utilização de *hashtags*, como forma de indexar os conteúdos, uma vez que isso facilitaria a recuperação da memória presente dentro da páginas, pois os conteúdos colocados em páginas dentro do Facebook não são indexados pelo *google* e tendem a se perder a medida que novos conteúdos são criados, pois a organização dentro de uma página desse tipo de rede social online é sempre inicia postagem pela mais recente.

5 CONSIDERAÇÕES

A página Recife de Antigamente permite a interação entre diversas coleções, principalmente fotográficas, o que permite ter uma perspectiva mais variada do passado recifense já que as fotografias compartilhadas abordam variadas temáticas e estão disponibilizadas em um único lugar. Consoante a Dalmaso (2015) tem-se uma cultura participativa que torna natural, cotidiana e banal a publicização de narrativas que são individuais, mas também coletivas na medida em que são compartilhadas e expostas à interação do outro.

A interação do público com o conteúdo da página, também apresenta valor, no sentido de que as ações de compartilhar e curtir permite que mais pessoas possam ter acesso livre a

memória da página, dando a ela um alcance de pessoas maior do que em uma coleção física de fotografias.

Assim, o público realiza comentários nas postagens, as quais agregam valor ao conteúdo, uma vez que as conversas e impressões a respeito do conteúdo ficam registradas na página. Para Dalmaso (2015) as redes sócias online remetem ao depósito coletivo das mais variadas memórias, que se apresentam na forma de relatos escritos e imagens que expressam opiniões pessoais, gostos, sentimentos, medos, apreensões, amizades, afetos, amores, lugares, conquistas, dentre tantas outras questões.

Por meio da análise da página do Facebook Recife de Antigamente, podemos notar através das lentes do pós-custodialismo, que houve uma mudança no paradigma do colecionismo no momento em que está prática é inserida no *ciberespaço*. Alves (2011) informa que nesse ambiente a memória não é só construída por um indivíduo, mas pela coletividade.

Isso se dá pelo fato de que a internet e, conseqüentemente, as redes sociais *online* mudaram a forma como as pessoas produzem, lidam com e registram suas informações. Conforme Dalmaso (2015) os indivíduos se tornam construtores de uma infinita rede narrativa que passa a construir uma memória coletiva em rede, que vai somando camadas de história.

Por fim, o artigo pretendeu somar e abrir espaço para a pesquisa de novas perspectivas a respeito do colecionismo. O ato de colecionar é de grande importância para a preservação da memória e, ao ser incorporado no universo das redes sociais online, pode abrir espaço para o acesso livre e aberto da memória.

RECIFE DE ANTIGAMENTE: A CONTEMPORARY COLLECTIVE COLLECTION

Abstract

Discusses collecting as a way of guarding social collective memory. It intends to understand the collaborative phenomenon of collecting in the contemporary context and to verify the collective contribution in the formation of collections of patrimonial photographs of the city of Recife in the page "Recife de Antigamente" in the social network Facebook. The methodology used is based on a literature review to obtain the necessary theoretical basis. Regarding the research approach, it was given a qualitative-quantitative form, since

it is being used as a specific data collection instrument, where the data are quantified and subsequently submitted to a qualitative critical analysis. It is considered that the page "Recife de Antigamente" allows the collective interaction between the digital photographic collections, And sustains the value of the memory of the past by the course of the contemporary through of acts and of vehicle of information, communication and entertainment.

Keywords: Collection. Collecting. Photography. Memory. Social networks.

Artigo recebido em: 26/08/2017
Aceitação definitiva em: 14/12/2017

REFERÊNCIAS

- ALVES, C. D. INFORMAÇÃO NA TWITOSFERA. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v. 9, n. 1, p.92-105, jul/dez. 2011. Disponível em: <http://polaris.bc.unicamp.br/seer/ojs/index.php/sbu_rci/article/view/497> Acessado em: 2 maio 2017.
- BAETA, R. M. M. **Coleccionismo privado no Porto**: coleções e colecionadores de arte na revista Ilustração Moderna (1926-1932). Repositório Aberto da Universidade do Porto, Porto, 2010. Disponível em: <<https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/55618>> Acesso em 21 ago. 2016.
- BUCKLAND, M. K. Information as a thing. **Journal of the American Society for Information Science**, v. 42, n. 5, p. 351-360, Jun. 1991. Disponível em: <http://www.uff.br/ppgci/editais/bucklandco_mocoisa.pdf> Acessado em: 7 maio 2017.
- DALMASO, S. A construção da memória nos sites de redes sociais: Percepções sobre experiências no Facebook. In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 10, 2015, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: UFRGS, 2015. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/10o-encontro-2015/historia-da-midia-digital/a-construcao-da-memoria-nos-sites-de-redes-sociais-percepcoes-sobre-experiencias-no-facebook/at_download/file> Acessado em: 7 maio 2017.
- DAMIAN, I. P. M; et al. **Convergências entre as Humanidades Digitais e a Ciência da Informação**: o uso das TICs em unidades de informação. In: IBERSID, 9, 2015, São Paulo: FFCLRP-USP, 2015.
- DODEBEI, V. Memória do conhecimento: em busca de sustentabilidade para os objetos digitais. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 41 n. 1, p.145-153, jan./abr., 2014. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/1424/1602>> Acessado em: 30 jun. 2017.
- DUROUST, W. (1932) **Children's Collecting Activity Related to Social Factors**, New York: Bureau of Publications, Teachers' College, Columbia University. In: PEARCE, S. M. The urge to collect London: Roulledge, 1994. Disponível em: <https://is.muni.cz/el/1423/jaro2013/SAN105/um/Susan_Pearce_Interpreting_Objects_and_Collection.pdf> Acesso em 07 ago. 2016.
- FARRO, M. Colecciones de cráneos, fotografías y manuscritos en el desarrollo de la antropología física y de la etnografía lingüística en la Argentina a fines del siglo XIX. In: LOPES, MM; HEIZER, A (Orgs). **Coleccionismos, prácticas de campo e representações**. Campina Grande: EDUEPB, 2011. 280 p. Disponível em: <<http://static.scielo.org/scielobooks/rk6rq/pdf>>

/lopes-9788578791179.pdf> Acessado em: 17 maio 2017.

FERRAZ, R.C. Entre usos e funções: a prática do colecionismo de fotografias no século XIX e sua difusão no Brasil imperial. In: : ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA, 19., 2014, Juiz de Fora. **Anais...** Juiz de Fora: Anpuh, 2014. Disponível em: <<http://pem.assis.unesp.br/index.php/pem/article/view/381>> Acessado em: 17 maio 2017.

LAZZARIN, F. A.; NETTO, C. X. de A.; SOUSA, M.F de. Informação, memória e ciberespaço: considerações preliminares no campo da Ciência da Informação no Brasil. **Transinformação**, Campinas, v. 27, n. 1, p.21-30, abr. 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010337862015000100021&script=sci_abstract&tlng=pt> Acessado em: 6 abr. 2017.

LE COADIC, Y-F. **A ciência da informação**. 2. ed. rev. e atual. Brasília: Briquet de Lemos/Livros, 2004. 124 p.

LE GOFF, J. **História e memória**: escrita e literatura. Campinas: Ed. Unicamp, 2003.

LEVY, P. **A inteligência Coletiva**: por uma antropologia do ciberespaço. São Paulo: Loyola, 1998b.

LISTON, R. C. Textos escritos e editados pela autora Susan Pearce: visão analítica sobre os textos. Coleções: Corpo e Alma - Colecionadores e Coleções. **Ciência da Informação**, Brasília, v.39, n.3, set./dez.2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-19652010000300010> Acesso em 10 ago. 2016.

LOPES, J. R. Colecionismo e ciclos de vida: uma análise sobre percepção, duração e transitoriedade dos ciclos vitais. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 16, n. 34, p. 377-404, jul./dez. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832010000200016> Acesso em 28 ago. 2016.

MARSHALL, F. Epistemologias históricas do colecionismo. **Episteme**, Porto Alegre, n.20, p.13 -23,jan / jun. 2005.

MIRANDA, M. K. F. O. **O Acesso à informação no paradigma pós custodial**: da aplicação da intencionalidade para *findability*. 2010. 353 f. (Tese de doutorado) - Faculdade de Letras da Universidade do Porto - FLUP, 2010. Disponível em< <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/50422/2/tesedoutmajorymiranda000112543.pdf>> Acesso em: 7dez.2017.

MONTEIRO, S.; CARELLI, A.; PICKLER, M. E. Representação e memória no ciberespaço. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 35, n. 3, p.115-123, dez. 2006. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/1118/1254>> Acessado em: 2 abr. 2017.

MONTEIRO, S.D.; CARELLI, A. E.; Ciberespaço, Memória, Esquecimento. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 8, 2007, Salvador. **Anais...** Salvador: UFBA, 2007. Disponível em: <<http://www.brapi.ufpr.br/brapi/index.php/article/view/0000005249/04389a22ec45e41fd6981a41ddab833f>> Acessado em: 12 maio 2017.

MURGUIA, E. I. O colecionismo bibliográfico: uma reflexão sobre o livro para além da informação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 8., 2007, Salvador. **Anais ...** 2007. - Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2009v14nesp1p87/19836>> Acesso em 20 ago. 2016.

NORA, P. **Entre memória e história**: a problemática dos lugares. São Paulo: Proj. História, 1993.

PEARCE, S. M. **Interpreting objects and collections**. London: Roudedge, 1994. Disponível em:<https://is.muni.cz/el/1423/jaro2013/SAN105/um/Susan_Pearce_Interpreting_Objects_and_Collection.pdf> Acesso em 07 ago. 2016.

PINHEIRO, L.V.R. **Gênese da Ciência da Informação ou sinais anunciadores da nova área.** In: O campo da Ciência da Informação: gênese, conexões e especificidades. João Pessoa, UFPB, 2002. p.61-86.

democrática. **Transinformação**, Campinas, v. 28, n. 3, p.349-358, set/dez. 2016. Disponível em:<
<http://www.scielo.br/pdf/tinf/v28n3/0103-3786-tinf-28-03-00349.pdf>> Acessado em: 4 maio 2017.

POMIAN, K. **Memória e História (Coleção). Enciclopédia Einaudi.** Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da moeda, v.1,1984. Disponível em: <
<http://www.ppgav.eba.ufrj.br/wp-content/uploads/2017/01/Pomian-1984b-colecoes.pdf>> Acesso em: 26 jun.2017.

SANTANA, C. A. et al. Difusão da informação no Twitter: Fluxo da informação na audiência invisível. In: ENCONTRO NACIONAL EM PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 14., 2013, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: UFSC, 2013. Disponível em: <
<http://enancib2013.ufsc.br/index.php/enancib2013/XIVenancib/paper/view/468>> Acessado em: 12 maio 2017.

SANTOS, A. da S. **A influência do colecionismo na representação da memória social: análise da coleção Amidicis Tocantins.** 2015. 134 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Filosofia e Ciências, 2015. Disponível em: <
<http://hdl.handle.net/11449/128131>> Acessado em: 14 maio 2017.

SILVA, A. M. da. **A ciência da informação e a transição paradigmática.** UNAM,IIBI, México. Disponível em: <
<http://cuib.unam.mx/publicaciones/275/objet%20estudio%20bibliotecologia%20A%20ciencia%20da%20informacao%20Armando%20Malheiro.html>> Acessado em: 14 maio 2017.

SMOLKA, A. L.B. A memória em questão: uma perspectiva histórico-cultural. **Educação & Sociedade**, v. 21, n.71, p. 166-193, jul. 2000. Disponível em: <
<http://www.scielo.br/pdf/es/v21n71/a08v2171.pdf>> Acessado em: 4 maio 2017.

VANTI, N; SANZ-CASADO, E; Altmétria: a métrica social a serviço de uma ciência mais